

Semanário de
Actualidades e Reportagens
N.º 126 — ANO III

Preço 1 Escudo

repor.tei.

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NÚMERO: — Homens e Factos do Dia — O crime da Póça das Feiticeiras — Orientação do Egoísmo — Cinzas da Rússia Czarista — Tranquibérnias na Assistência de Espinho — ¿Burla ou quê? — Exortações Eugénicas — A Casa dos Pobres ludibriada — Espiões — Um documento original — Ronda Semanal — De Lança em Riste, etc.



Propriedade de **EDIÇÕES X LIMITADA**

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS :

Sai às sextas-feiras e é pôsto à venda
simultaneamente em todo o país

Redacção, Administração e Publicidade
Rua Sampaio Bruno, 12-5.º
PORTO

N.º 126 — ANO III
Sexta-feira, 9 de Junho de 1933
REDACTORES NO PÓRTO
Reinaldo Ferreira (Reporter X)
Fernando Cal
J. Vieira Alves
Hugo Rocha
Guido Severo
Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA

Alfredo Marques | Noberto Araujo
Artur Portela | Sá Pereira
Jaime Brazil | Santos Vieira

3 meses — série de 12 números
6 » — » » 25 »
12 » — » » 52 »

Esc. 11\$50
Esc. 22\$50
Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os
respectivos portes
PAGAMENTO ADIANTADO

ESPECTACULOS

DO PORTO TEATROS

Sá da Bandeira — Com grande sucesso a eminente actriz, Camila Quiroga, com a sua companhia argentina de alta comédia, apresenta a peça «Una mujer desconocida».

CINEMAS

S. João — Um grandioso êxito da engraçada comédia, Triste «Vida a do Soldado», com o grande cómico Fritz Schulz.

Trindade — Este cinema apresenta a magnífica produção «Pecadores Alegres» — com Joan Crawford e Clark Gable e ainda a comédia «Laurel e Hardy em Marrocos».

Olimpia — A esplêndida comédia dramática «Amigos ou Rivais» — com a encantadora Lily Damita e o galã, Adolfe Menjou.

Batalha — O maior acontecimento da temporada, a magnífica super produção do Ano Metro, «Tarzan» (O Homem Macaco).

Imperial — Todos os dias, Concerto e Variedades das 4 às 7 e das 9 à meia noite.

DE LISBOA TEATROS

Nacional — O formidável êxito, da peça histórica «D Sebastião».

Maria Vitória — A verdadeira peça popular, As «Lavadeiras».

Politeama — O grande sucesso da revista em 3 actos «Cantiga Nova».

Avenida — A grande revista da actualidade, «Fogo de Vistas»

CINEMAS

S. Luís — A comédia de imenso agrado «Apaixonadamente» — com Florelle e Fernand Gravey.

Condes — A formidável super-produção, dramática, «O Navio Sangrento».

Tivoli — Um grandioso filme da Paramount, O Grande Milagre.

Odeon — A excelente comédia, «Confissão duma jóvem».

Café Restaurante Primavera

28, Travessa da Picaria, 28

Avisamos os nossos Ex.^{mos} fregueses que encontrarão nesta casa, todos os divertimentos artisticos, bem assim como serviço de café, Bar e Restaurant, Vinhos das melhores procedências. Variedades tôdas as noites. Excelente grupo de jazz-band.

Aberto toda a noite

REPORTER X

Apresenta brevemente

T. S. F. X...
reportagem aos
«fait-divers» da semana

COMUNICADO

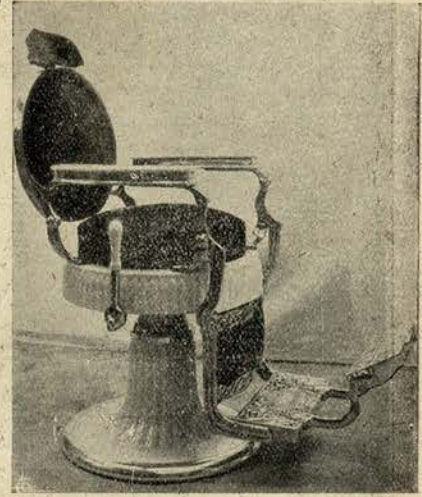
Tendo desaparecido da nossa Redacção, um carimbo quadrangular, avisamos o público, que deixam de ter validade quaisquer documentos com êle carimbados, após a data de 2 de Junho, corrente. Para evitar possíveis complicações, o novo modelo é redondo.

A ADMINISTRAÇÃO

Cadeiras modernas para barbeiro

SISTEMA AMERICANO

Fabrico nacional — A melhor e mais barato



PORTO — EDMUNDO

Bancos para exgraxador. Apetrechos de metal.
Instalações modernas. Dão-se orçamentos

Preferi a indústria nacional

Rua do Paraíso, 254 — PORTO

A partir do próximo número:
Sensacionais reportagens

ENTRE OUTRAS:

«Nos bastidores da grande ourivesaria... X» — «A tragédia de Cedões» — «Braga ás...» — «Qual foi a origem do desastre das armas portuguesas no Suj de Angola!» — Alertall e etc.

Único no sabor e aroma

CAFÉ SUIÇO

Moído e em chávena

PORTO

É frequente ouvirmos divagar acerca do valor da máquina e dos seus efeitos na crise económica actual. Se alguns lhe tecem elogios, outros há que lhe atribuem tudo quanto de mau nos atormenta. Disparidade de vistas que só existe por ligeireza de reflexão, pois, se preguntarmos a nós próprio o porquê do incontestável conforto em vias de disseminação pelo mundo, facilmente concluiremos por atribuir ao precioso fruto do nosso engenho, esse dilúvio de benesses. Basta confrontarmos a vida de há cem anos, patenteada em fiéis relatos, com a existência decorrente. Basta, mesmo, ouvir da boca dos velhos a narrativa dos seus tempos de moço, o carinhoso evocar de aquêles anos de glória, cujos menores detalhes se lhes gravaram para sempre na memória, em baixo relêvo imperecível. Tudo era, então, embrionário e moroso. Faltava a beleza de remate. A produção era restrita; e, como nem todo o artesão primava pelo esmero do trabalho, é claro que os artefactos estavam longe de possuir os primores de acabamento e a uniformidade de factura, só passíveis pela máquina e pelo trabalho em série.

Se, por descriptório capricho, houvesse alguém capaz de fazer à máquina o que na Alemanha acaba de se fazer ao livro, alijando-a por perniciosa ou inútil, o homem voltaria à servidão da gleba e a vida tornar-se-ia execranda.

Sem a caldeira de vapor, sem os motores a gás ou a essência, sem a turbina hidráulica e as grandes geradoras eléctricas, nós, os filhos do povo, teríamos por único recheio da miserável choupana em que abrigássemos o corpo escravo, além do catre inestético e pouco cómodo onde a fadiga, com dedos de chumbo, nos viria cerrar as pálpebras cançadas para um sono incompleto, a luxuosa miséria da área tósca aonde guardaríamos o bragal humilde, feito com amor pelas tecedeiras de família, mas à custa de prolongados anos de cancéirosa labuta.

Dizem mal da máquina os que se não lembram de analisar, peça por peça, os mais simples objectos ao derredor de nós, desde o prego, o parafuso e o gonzo da mais grosseira porta de baiuca, até ao algodão e à lã que nos enroupam, à minúscula agulha que a mão tam cheia de pericia da nossa companheira de sofrimentos e de esperanças vai calcando pela cambraia na maravilha dos bordados, aos pequeninos nadas que nos guarnecem e aos triviaes objectos, nossos companheiros inseparáveis na labuta quotidiana — todos êles modelados, montados, polidos, possíveis apenas em tão prolífica difusão, graças à máquina, a prodigiosa feiticeira.

Reparai na presteza com que atingimos os antipodas, viajando pelo espaço; na segurança nunca excedida das grandes viagens transa-

tlânticas a bordo dessas cidades flutuantes movidas pelo vapor ou pelo óleo; na cómoda deslocação por caminho de ferro, em contraste com as enfadonhas viagens na mala posta; na excelência do automóvel. Mede como a lâmpada eléctrica nada inveja à candeia de azeite e como é possível fixar no tempo e no espaço a vertigem da existência, com absoluta fidelidade, graças ao daguerreotipo aperfeiçoado e ao cinema; a facilidade com que, no mesmo instante e em todos os continentes, cada qual em sua casa, na sua alcôva, no aconchego macio das pantufas, pode ouvir Paderewski em Lodz ou aperceber-se dos rugidos do Cracotoa em fúria.

Graças à máquina o homem reeditou o milagre dos pães. Conseguiu avistar a prometida Cana. Um novo Eden o espera.

A máquina trás a abundância em todos os campos da produção activa. Por seu intermédio poderemos com reduzido esforço, prover com mais largueza ao minucioso dos lares. Precisamos, até, de centuplicar, de multiplicar indefinidamente êsses organismos metálicos, cumpridores fiéis do que se lhes ordena, pois

HOMENS

&

FACTOS DO DIA

A VIDA E A MAQUINA

nem recalcitram nem pedem exagêros de soldada. Multiplicar a máquina — teares tractores, semeadeiras, turbinas, geradoras — o mesmo é que abarrotar os celeiros, espalhar a abundância arcaboçar o povo, alargar, abrir o ângulo facial da ralé sem consciência da turbamulta que quasi não pensa e quasi não sente, porque também quasi não come nem vive.

Há muito quem atribua o desemprego ao progresso mecânico. Erro profundo, de fácil verificação. O papel do maquinismo é auxiliar a deficiência do esforço físico, ante a brevidade da existência. Corresponderá plenamente aos seus fins, quando a produção colectiva for pertença da colectividade em geral. Na incongruência actual queimam-se a carne, o café, e o trigo, como se não houvesse por esse mundo fora tantas famílias a morrer à mingua. Parece, à primeira vista, que há gêneros a mais e produtos em excesso. Na realidade, há apenas incapacidade de aquisição da parte do maior

número, pois se a todos fôsse dado satisfazer, mesmo mediocrementemente, as suas necessidades, seria indispensável multiplicar muitas vezes o número das oficinas e o das fábricas e arrotear em força muitas dezenas de milhar de geiras onde a enxada ainda não abriu brecha. É claro que trabalhando a indústria em regime de grande exploração e diminuindo, graças ao concurso mecânico, o número de obreiros activos, prescindem-se da mão de obra avolumando o caudal de lucros unitários, sem o menor benefício colectivo. Há muitos prejudicados, em benefício de muito poucos. Mera questão de organização que os técnicos serão chamados a resolver.

A obra admirável d'esses homens simples que, brincando à ciência, foram arrancando ao ignoto o emaranhado das leis porque se rege a natureza, desde o movimento atómico à pulsação dos soes, não poderá ser posta de parte, pois nela assenta a nossa integral alforria. O progresso mecânico, produto da inteligência, será proficuo quando for aplicado e regulado

por essa mesma inteligência. Por emquanto, não o é. Não existe sombra de critério na sua aplicação. Não existe a base sindical que faça depender a produção da necessidade de consumo, tendo em relação o número de componentes da classe sindicalizada; se assim não fôsse, poderíamos estar absolutamente certos de que o desemprego não passaria de palavra absoluta, cujo verdadeiro significado seria desconhecido.

Quanto a nós, continuaremos na crença tenaz de que a máquina é o principal adjuvante do progresso. Será ela a nova alavanca capaz de levantar o mundo. Porisso, contrariamente ao subtil Musset, quando afirmava ter vindo.

...trop tard dans un monde trop vieux... nós lastimamos ter chegado demasiado cedo, quando a máquina esboça os primeiros passos, nesta madrugada de cores dúbias e de esbatidas tintas, em que ainda mal se presente a bela jornada estival que vai romper.

ALBERTO LIMA

Gama

R. do Amparo, 51 — LISBOA
LOTARIAS

Atende prontamente todos os pedidos da Província, Ilhas África, desde que sejam acompanhados da sua importância em notas, cheques, vales, selos, prémios ou quaisquer valores de fácil cobrança.

DR. A. SANTOS AMARAL
MÉDICO
Rins e Vias Urinárias — Sífilis
CLÍNICA GERAL
Consultas das 15 às 20 horas
Telef. 5785 R. Bom Jardim, 62-A PORTO

Orientação do egoísmo.

◻ homem é um animal — todos o dizem, mas o pensamento de alguns e as atitudes sociais de muitos parecem dar a entender que não estamos inteiramente capacitados dessa verdade elementar.

Darwin definiu cientificamente um princípio natural: a luta pela vida. Darwin era um santo e bom homem que, ao declarar que os mais fortes vencem e aniquilam os mais fracos, o não fez sem dura luta interior. Mas, ao mesmo tempo, definiu segundo diz, por outras palavras, o pensador espanhol Anselmo Lorenzo, que o princípio da cooperação e da ajuda mútua contribui sobremaneira para o progresso duma espécie.

Darwin colocou-se em opposição às ingénuas afirmações das Escrituras sobre o princípio da vida humana. Foi, depois de poucos mais cientistas, um dos iniciadores das teorias evolucionistas, contrariando a bíblica crença da «criação espontânea».

Sofreu, portanto, dos corifeus religiosos do seu tempo, os mais duros vexames e os mais traiçoeiros ataques. É este o destino geral daquelles que se colocam para além das ideias consagradas pelo rebanho. Mas na ocasião em que os sábios cientistas das Academias, representantes sempre da sabedoria oficial, e os bispos religiosos, com a sua fé nas Escrituras, quizeram ferir o impetuoso carácter do inovador Darwin, não tinham reparado ainda bem na teoria da luta pela existência, que o próprio Darwin anunciou. Esses preguiçosos papagaios das Academias e os biltres apóstolos duma fé decadente são representantes duma classe: a classe *soi-disant* superior. Consequentemente, as teorias que proclamam e lançam aos quatro ventos são teorias destinadas a alicerçar e a fundamentar a sociedade que satisfaz a sua vaidade. E com a mesma fúria que se apoderaram dum bom espólio, apoderaram-se duma teoria darwiniana, para justificar *científica* e *biologicamente* a exploração dum homem para outro homem.

Isto de justificar *biologicamente* a exploração dum homem por outro homem, o poder duma minoria sobre a maioria, é coisa que esteve em voga e que, para desprestígio da nossa mentalidade e da época histórica que vivemos, o está ainda. Recordo-me de ler há dias, num jornal diário, que um professor alemão explicou *biologicamente* as teorias do demagogismo hitleriano. E ouvi há dias, da boca dum amigo, a afirmação de que um professor da Universidade de Coimbra tentou explicar as doutrinas do *nacional-sindicalismo* com bases biológicas. Não é novo pois, mas está em moda.

Malthus foi um «leader». Iniciou o movimento de consagração à força e ao poder duma classe, insultando as classes produtoras com o vexame cruento da sua condição de inferioridade. E disse:

«...Um homem que nasce no mundo já ocupado, se a sua família não tem os meios para o sustentar e se a sociedade não necessita do seu trabalho, não tem o menor direito de reclamar uma porção qualquer de sustento e é realmente de mais sobre a terra. No grande banquete da natureza não há nenhum talher para elle. A natureza ordena-lhe que desapareça e não se demora

em pôr essa ordem em execução... Quando a natureza se encarrega de governar e de punir, seria ambição bem desprezível arrancar-lhe o ceptro das mãos. Que esse homem seja portanto entregue ao castigo que a natureza lhe inflige para o punir da sua indigência!!! É preciso ensinar-lhe que as leis da natureza o condenam, a elle e à sua família, aos sofrimentos, e que se elle e a sua família estão preservados de morrer de fome, só devem esse facto a algum benfeitor compadecido, que socorrendo-os, desobedece às leis da natureza!!! (Ensaio sobre a população, citado por Jean Grave.)»

Vê-se claramente neste escrito cínico e impiedoso do reaccionário inglês Malthus a explicação de todas as desigualdades sociais, de todos os cesarismos e de todas as guerras. Malthus pode ter razão ao afirmar que a população aumenta em progressão geométrica, enquanto as subsistências, aumentam em progressão aritmética. É coisa quasi assente, mas Malthus com essa teoria pretendeu somente dar foros científicos à injustiça de hoje, de ontem e de todas as épocas.

Mas nós, todos nós, temos direito a assentar-nos no banquete da vida. Todos nós, pelo facto de sermos, de existirmos, de termos nascido, temos direito à terra, terra somente — não exigimos mais nada — para trabalhar. É a isto que temos direito, é a isto que teríamos direito, se por acaso mesmo, não víssemos em sociedade. Não temos, ao nascer, outro direito. O direito à terra é o direito à vida, é um direito imamente em cada um de nós. É o direito do selvagem e deve ser o nosso direito, o do supô-to civilizado.

Pois bem. A teoria malthusiana nega esse direito aos inferiores. E a teoria malthusiana, com o seu frio cinismo, está dentro da lógica, fria também, dos factos.

Ao principar este breve escrito, disse: O homem é um animal, e acrescente: mas o pensamento de alguns e as atitudes sociais de muitos, parecem dar a entender que não estamos inteiramente capacitados dessa verdade elementar.

Não estamos capacitados, porque esquecemos tantíssimas vezes que se elle é animal tem o instinto de conservação e é, consequentemente, egoista. Muitas vezes tenho ouvido prédicas solenes contra o egoísmo, prédicas que, aliás, não me fazem mais que sorrir. Estaria bem mais dentro da lógica e do bom senso a condenação do espírito de monopólio, de exclusivismo e de rapacidade.

Sendo animal, o homem é egoista. É uma lei natural.

Esta lei tem sido geradora de lutas de ambições. Essa lei é, contudo, uma energia e o homem muitas vezes — quantas vezes! — tem sublimado a natureza.

Orientemos, portanto, o egoísmo, como quem dá uma direcção à energia electrica. Façam do egoísmo, não uma força destrui-

dora, mas uma poderosa força construtiva. Em vez da luta — lei natural a cooperação lei social.

A luta desagrega e provoca o caos. A harmonia é factor de ordem — ordem no verdadeiro sentido, não aquela *ordem* de que tantas vezes ouvimos falar.

Aos homens convem mais a ordem — ordem verdadeira — que a desordem. Os homens tem necessidade de viver e a luta contra elles provoca a morte dos mais fracos e o esfalfamento dos mais fortes. Impõe-se, portanto: cooperação, ajuda mútua, livre acôrdo — em nome da lei natural da luta pela vida, em nome da lei da conservação do individuo e da conservação da espécie, em nome do egoísmo, em nome do Ego.

E cooperação, ajuda mútua, livre acôrdo, é egoísmo orientado. Convem-me a mim, a ti, a vós todos. De hoje para o futuro — clamaria um apóstolo — não mais lutas entre nós; amor! amor! amor!; egoísmo orientado, em meu bem, em bem de ti, em bem de todos. O meu egoísmo orientado — continuaria o apóstolo — é igualtruismo!

Egoísmo orientado é já o movimento neo-malthusiano, o movimento dos homens e mulheres que, reconhecendo a verdade teórica enunciada pelo cínico filho de Albion, não chegam contudo a aplaudir a sua atitude de negação do direito à vida das classes chamadas inferiores. Procuram limitar a natalidade, aperfeiçoando engenhosamente a raça com a procriação voluntária.

Egoísmo orientado são muitos outros movimentos, inteligentes e esperançosos.

Os homens têm, não domado, mas orientado a Natureza. Corrigido as suas imperfeições. Canalisam um rio, afastam um mar, secam um pântano, aperfeiçoam aqui, melhoram acolá, embelezam-se, dos seus cabelos fazem belas tranças, cortam-se se acharem isso mais estético, cortam as unhas e limpam os seus vestuários, as suas habitações, lavam-se, etc., etc.

Por que não melhorar, também, a natureza neste sentido: fazer do egoísmo sem o anular, simples cooperação?

J. S. L.

Reunião Elegante

É na **Sapataria Impéria**, à rua Cedofeita, 118-120, onde as senhoras da nossa melhor sociedade, diariamente se reúnem a fim de apreciarem os lindos modelos de calçado, que o nosso amigo Lourenço Pinto Coutinho, com o seu apurado gosto de uma requintada elegância, ali expõe. Aconselhamos ás nossas presadas leitoras uma visita, a esse modelar estabelecimento.

CINZAS DA RÚSSIA CZARISTA

QUEM ERA O GENERAL RUSSO KUTIEPOFF

E quem podem ser os seus possíveis raptores? — O novo Bonaparte. — Kutiepoft e a autocracia que exerceu nos seus subditos. — ¿Está vivo ou foi assassinado? — Torturas inacreditáveis. — Bolas de Sabão . . .

O mistério dramático do curioso desaparecimento do general russo Kutiepoft, — que numa manhã de domingo de 1929 foi visto pela última vez atravessando a praça Darú, de Paris, em direcção a uma igreja russa, onde o esperava um *taxi* para o qual entrou indiferentemente, — originou na imprensa mundial, a publicação de colunas de prosa sobre o seu desaparecimento e paradeiro, prováveis raptos ou assassínios. — nunca se conseguindo, até hoje, esclarecer verdadeiramente o enigma que paira sobre os motivos e fins de tão discutido rapto. Kutiepoft, chefe do Primeiro Corpo do Exército de Wrangel, era um homem inflexível e tirano, escravo da ordem e da disciplina. A conduta que impunha aos actos de comando, valeu-lhe a alcunha de *Kutie-Pachá*, — que conservou.

Modesto oficial da Guarda de Preobajensky, deu tais provas de bravura e tenacidade ao começar a guerra que, em 1917 era seu comandante. — e quando da morte do Gran-duque Nicolas Nicolaievitch, converteu-se numa esperança dos emigrados russos, que o assinalavam como o Bonaparte que os havia de conduzir à reconquista da Rússia.

Para a maior parte dos emigrados russos, o desaparecimento de Kutiepoft foi originado e levado a efeito pelos agentes da G. P. U., na Europa.

E quando se lhes pergunta quem raptou o general mais severo, mais inflexível, que mais tirania exercia sobre o exército que comandava, — respondem simples e invariavelmente: — os bolchevistas! . . .

Até um homem tão perseguido pelos monárquicos como Milinkoff, ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Revolucionário, chegou a confirmar «que só os omnipotentes espíes dos bolchevistas podiam ter raptado o general Kutiepoft».

Mas, não só os emigrados do País Vermelho afirmam a culpabilidade dos soviets no desaparecimento do general. Alguém, e cre-se, até, que Kerensky, disse: «E possível dar como seguro, que é este um crime dos muitos cometidos pelos bolchevistas; mas, se depois resulta que não foram eles, que a sua inculpabilidade é demonstrada, não conseguiremos mais do que provocar uma reacção a seu favor.

Podem ter sido os agentes misteriosos da G. P. U., mas Kutiepoft, pelas terríveis represões que provocou e pela tirania que exerceu, tem inúmeros inimigos capazes de o terem aniquilado».

As versões do rapto são inúmeras; as opiniões sobre Kutiepoft excedem o limite da fantasia, — e formula-se a aventurada hipótese de Kutiepoft, futuro caudilho da restauração monárquica na Rússia, tenha sido suprimido pelos seus rivais, partidários doutros chefes monárquicos, — receosos do prestígio que o general gozava entre os seus subditos e admiradores.

M. Chaves Nogueles, o escritor espanhol que se dedicou a coleccionar todos os dramas da queda Império Czarista e publicou o seu livro que mereceu os mais vibrantes elogios do público, — pergunta, a propósito do desapare-

cimento de Kutiepoft: ¿Está vivo ou foi assassinado?

E o comentário que responde à pergunta que a si próprio formulou, deveras interessante, reveste-se de curiosidade e torna-se, talvez, elucidativo, em conformidade com as suspeitas dos emigrados russos.

«Se Kutiepoft caiu nas mãos dos bolchevistas, a sua morte é mais do que provável. Com a mais extraordinária facilidade, os espíes da G. P. U., podiam ter atraído o general a um *taxi*, conduzindo o ao porto de Anvers, donde qualquer barco soviético ali ancorado, o conduziria a Leninegrado e, depois, a Moscú.

Uma vez sepultado nas masmorras da Lubjanka, não tornará a saber-se dele.

Não é de crer que o hajam levado para os subterrâneos da Embaixada Soviética de Paris, a fim de lhe dar a morte. Apesar da segurança que oferece o edifício da praça Grenelle, apesar dos seus subterrâneos misteriosos que vão dar ao Sena e das prisões blindadas onde, no dizer do povo, tantas execuções se têm perpetrado, os diplomatas bolchevistas não se podiam ter prestado a ser os executores do rapto e assassinio do general. Aos agentes secretos da G. P. U., que actuam na sombra, podia ser-lhes facilímo ter conduzido o general, manietado, cloformizado, até uma casa solitária da *Baulieu*, onde é possível que o tenham submetido às mais extraordinárias torturas, a fim de lhe arrancar confissões que interessavam vivamente aos bolchevistas.

E preciso notar que Kutiepoft, à parte a sua significação política, era o chefe do serviço de contra espionagem anti-bolchevista, e possuía todos os segredos das conspirações urdidas, constantemente, pelos elementos contra-revolucionários.

Ainda não há muito tempo que cinco oficiais brancos, emissários de Kutiepoft, se introduziram na Rússia e urdiram um complot, que foi descoberto pelos bolchevistas, — fusilando os revoltosos.

Se assim aconteceu, Kutiepoft, encerrado numa casa dos arredores de Paris, esteve durante dias, submetido a torturas inacreditáveis.

A G. P. U. conhece perfeitamente o espantoso procedimento de aplicar fortíssimas correntes eléctricas ao cérebro daqueles a quem querem arrancar confissões; e, por muito resistente que seja o ânimo do general, uma vez convertido num vencido, com o cérebro destruído, — terá revelado tudo o que os seus verdugos tenham querido.

Como, realmente, as maquinações dos emigrados russos contra o Governo bolchevista tenham grandes ramificações em toda a Europa, os comprometidos estão presentemente, tão inquietos pela sorte do general como pela que lhes possa advir.

Nos primeiros dias do desaparecimento, enquanto se esperava que Kutiepoft pudesse resistir aos tormentos que lhe aplicavam, ainda havia esperança de encontrá-lo vivo. Hoje decorrido tanto tempo, essa esperança evoluiu-se com a de que não tenha caído nas garras sedentas dos soviets e a de que a sua fuga seja



O general Kutiepoft misteriosamente desaparecido

uma farça para provocar uma campanha entre os bolchevistas.

... O mistério dramático do curioso desaparecimento do general Kutiepoft, — está explicado, convicta e concretamente, nas aspirações dos soviets e nos bárbaros processos empregados pelos agentes secretos da tenebrosa G. P. U.

Presentemente, ainda há quem creia que o general e os seus subditos tenham urdido tão maquiavélica farça do rapto, para provocar, na França, um movimento de protesto contra a G. P. U., — resultando a ruptura das relações com os soviets.

Porém, o desaparecimento, ocorrido há quatro anos, não ocasionou as pretensões ambicionadas pelos adeptos da Polícia Secreta do Estado Russo; logo, Kutiepoft, se não está morto, jamais verá a luz do dia, encerrado nas masmorras de Moscú ou Paris, — vítima dos sofrimentos cruéis que simbolizam o carácter traiçoeiro dos bolchevistas.

O desaparecimento de Kutiepoft cairá no olvido. E, para ele, só o esquecimento do mundo lhe servirá de lenitivo aos martírios e torturas sofridas entre a teia da G. P. U., — com o cérebro a estalar de nervosismo, ao pensar nas aspirações dos emigrados russos que ele protegia e tentava fazer regressar à Pátria querida, — destruídas e soterradas com uma alma russa, de sangue azul, — com um ideal impossível e irrealizável...

RUY DE LUCENA

Não tenha dúvidas

A-pegar-da carestia da vida, da dificuldade em conseguir géneros alimentícios puros, a casa do nosso amigo António José Araújo com mercearia, vinhos e padaria, no largo 1.º de Maio, 13, **Guimarães**, continua a caprichar em servir bem brindando todos os clientes, consumidores do seu café especial. Torrefação e moagem eléctrica diária.

¿BURILA OU QUIÊ?

¿A morte cura-se? — Ao parapeito — Depois do preambulo — Uma participação ilucidativa

A morte cura-se? Eis o título de um curiosíssimo artigo que o *Reporter X* inseriu no seu número 114, devido à pena do nosso camarada Emilio Loubet.

Dizia o articulista, antes de entrar na matéria, deixando-nos de narinas dilatadas a farejar a essência, irritando-nos a pituitária:

«O leitor viu o título desta reportagem: sorriu e passou adiante. Podia lá ser? Curar-se a morte? Dar vida a um cadáver!... Positivamente o jornalista não tinha mais nada que escrever, como se os assuntos não viessem direitinhos ao reporter, e o reporter não fôsse direitinho aos assuntos... Que imaginação! Que fantasia! Que atrevimento!»

Pois bem; sem mais imaginação do que a exigida para perspectivar o futuro risonho dos holofoteados; sobrepondo à fantasia, os argumentos que espreitam sorratamente de entre a papelada que parapeita a nossa mesa de trabalho — e que linda blindagem, santo Deus!!! — vamos demonstrar-vos como em Portugal se trabalha de há muito no *ressuscitamento*, obtendo-se os resultados mais *agradáveis*.

Contudo — isto deve *orgulhar-nos* — não é recorrendo a uma «máquina capaz de restituir a vida», ou submetendo o paciente ao «Biomotor» do Dr. Hyman que tais êxitos vêm sendo alcançados! Não! A mentalidade portuguesa ia lá sujeitar-se a semelhante *vexame!*

O processo é muito mais simples, mais original, talvez inédito.

A complexidade das engrenagens foi suprimida, sem lhe diminuir o êxito... salvo as autoridades se lembrem de intervir, com aquela *graça de desmancha prazeres*, que lhes é peculiar.

E, agora que a *praxe* está cumprida, com uma estirada preambular, vamos transcrever uma participação feita ao Delegado do M. P. da comarca de Guimarães, pôr enfim o leitor, em contacto com os personagens desta reportagem:

Sr. Dr. Delegado do M. P. da Comarca de Guimarães

João d'Oliveira Mendes, solteiro, maior, comerciante em Nova Lisboa, Angola, e actualmente residente em Braga, passa a expor a V. Ex.^a os seguintes casos de que teve conhecimento, em virtude de as autoridades locais se recusarem averiguar um roubo que ao participante tinha sido efectuado e que pela circunstância de seu falecido tio ter o seu nome, averigou o que passa a expor a V. Ex.^a para que dêle tenha conhecimento.

Em 9 de Março de 1928, apresentou-se na sede do Banco do Minho, João Rodrigues Marques, casado, professor oficial, de S. Martinho de Sande, da comarca de Guimarães, que a rôgo do tio do participante, também de nome João d'Oliveira Mendes, levantou uma promissória com o n.º 31417 de Esc. 11.990\$00, quando o mesmo seu tio João d'Oliveira Mendes a favor de quem tinha sido a promissória, sabia ler e escrever e tinha falecido em 26 do mês de Fevereiro de 1928. Tudo isto foi praticado por João Rodrigues Marques, que era sobrinho do falecido, e fazendo-o no intuito de prejudicar um herdeiro de nome Abel d'Oliveira Mendes, com quem mais tarde se compoz dando-lhe 3 500\$00, não o fazendo a Rosa d'Oliveira Mendes, que ao participante parece ser a única prejudicada, devido a encontrar-se em S. Paulo, E. U. do Brazil, crime este que é punido no n.º 1 do artigo 451 e 455 do C. P.;

Além desta promissória ainda existiam os seguintes bens, que o participante não sabe o caminho que levaram e passa a descrever:

Uma promissória com o n.º 31417 no valor de 11.990\$00; 3.000\$00 na mão de sua irmã D. Rosa de Oliveira Mendes; Dinheiro em carteira e milho

no valor de 2.000\$00; 2 cevados no valor de 1.200\$00; 2 muelles aparelhadas no valor de 1.800\$00; Móveis e utensílios de padaria para trigo e brôa; uma balança decimal e uma romana; alfaias dos moinhos; móveis domesticos; ditos de fabrico manual de cutelaria, no valor aproximadamente a 10.000\$00.

Trata-se pois de acto criminoso de que são autores talvez João Rodrigues Marques, Amélia, Lourença, Sára e Domingos de Oliveira Mendes todos residentes em Pontes Sande. Digne-se V. Ex.^a proceder a inquérito sobre o caso, devendo esses indivíduos ser acareados e ouvidas as testemunhas abaixo mencionadas:

1.º — António da Silva, carpinteiro, lugar das Gaias; 2.º — José Fernandes, proprietário, lugar das Gaias; 3.º — Francisca Ferreira, padeira, lugar da Cachadinha; 4.º — Domingos de Freitas, armador, lugar da Cachadinha; 5.º — Manuel Salgado, lavrador, lugar do Couto, todos êstes de Sande. 6.º — Francisco da Silva Braga, proprietário, nas Taipas.

P. Deferimento.

(a) *João d'Oliveira Mendes.*

Juntam 2 documentos: certidão de óbito e uma pública forma duma carta, do Banco do Minho.

Como o leitor acaba de verificar pela leitura desta participação, feita ao Delegado do M. P. de Guimarães, o caso é duma simplicidade estonteante. Sem utilizarem o «Biomotor» de Hyman, meia dúzia de *individualidades*, pretenderam e conseguiram *transferir* a morte do sr. João d'Oliveira Mendes, do dia 26 de Fevereiro para o mês seguinte

ou seja para data posterior, a 9 de Março, dia em que acharam por bem, levantar a rôgo, na séde do Banco do Minho, em Braga, os 11.990\$00.

Como o espaço nos escasseia, no próximo número concluiremos, esperando que as autoridades competentes não descurrem tal assunto.



Um aspecto geral da cidade de Guimarães, onde começaram a desenrolar-se os acontecimentos, a que nos vamos referir

S. P.

¿Tranquibérnias na Assistência de Espinho?



© nosso silêncio. Os senhores dirigentes não respondem. Como «êles» fogem. Deixai passar os novos. A nossa promessa

LEITOR! Tu que não és jornalista, que nunca tiveste a tua existência agrilhoadá a esta malfadada profissão, que não conheces pois, a luta titânica que necessitamos travar, para mantermos um nome impoluto e a consciência tranqüilla, é muito possível que te surpreendas e até te arrelies, ante as oscilações desta reportagem.

Naturalmente também, a atitude que resolvemos tomar para com a Associação de Assistência de Espinho, vai dar azo a múltiplas interpretações, — qual delas mais errónea—tôdas sem dúvida, pretendendo atingir o mesmo alvo: nós, a nossa honestidade, o nosso brio de jornalistas intransigentes. É um facto — e nós vamos demonstrá-lo daqui a pouco — que esta resolução não foi tomada devido a sugestões, transigências ou subornamentos; porém, o nosso silêncio temporário (?), não deixará de ser explorado pelos que manobram na sombra cínica e traiçoeiramente, a tudo recorrendo para aviltar-nos, em tentativas inúteis de mancharem o nosso nome, com a lama que transborda das suas almas impuras.

Contudo, permite leitor, que te exponha *le grande motif* desta decisão.

Dissemos no penúltimo número, que os *senhores directores* da A. de A. de Espinho, não haviam respondido ainda às interpelações que lhe fizemos há tempos, logo após a recepção desse conspurcado officio, que tresandava a infâmias.

Pois até hoje não fomos mais felizes, não saíram ainda a desafrontar-se publicamente, os signatários desse papelucho aleivoso.

Covardia ou comodismo, mas, sobretudo uma revelação de grande falta de carácter, enoja-nos sobre maneira semelhante procedimento, talvez devido à pouca prática que temos tido, em

que lhes lançamos, são bem significativos, definem bem o pundonor das suas personalidades.

Causará repugnância, aquêle que, num momento de precipitação, lança uma insinuação torpe, para logo se retratar, desfazer o mal que o seu arrebatamento, ocasionou; mas é canalha, o indivíduo que insinuando labéus, permanece entrincheirado por uma pseudo-honestidade, indiferente à voz da consciência intranquila.

Porém ...

*

Não justificamos ainda o motivo da resolução tomada, os «porquês» do nosso silêncio temporário (?). É simples ...

*

Possivelmente alarmados com a nossa

promessa de revelações, temendo a *sonda* que começava a penetrar nos seus cérebros de abutres, os senhores dirigentes da Associação de Assistência de Espinho ... resolveram demitir-se! Mas... lá volta o *mas*—para que a sua saída se realize ... torna-se nessessário *arranjar* quem os substituam, alguém *capaz de continuar a obra*, ou ressaltar as tranquibérnias dos actuais. E todos tremem, todos se *horrorizam* com semelhante convite, ante a *campanha* do Reporter X, as suas exigências, as suas promessas de *dizer coisas*...

É este o motivo porque nos calamos, e permaneceremos em silêncio algum tempo, prazo esse que sòmente as acções da futura direcção, poderá limitar.

Segundo nos informam, os novos dirigentes *convidados*, são na sua maioria, funcionários superiores da C.^a do C. de F. Vale de Vouga. Oxalá sejam criaturas mais conscienciosas que os actuais, e sobretudo ... que não voltem a dar-nos que fazer.

Porque se for preciso, ... nós cá estamos.

Santos Pereira.



Vista geral de Espinho, tirada de avião. À esquerda, o «Bairro Diário de Notícias»... pomo da discórdia.



O advogado de acusação particular, tanto no primeiro julgamento, como no do «Homem dos Bigodes & C.»

O crime da Pôça das Feiticeiras

Continuando a autopsiar a carta de alguém que não deseja justiça. A verdade é côxa... mas chega. A dúvida subsistia. Os êrros são susceptíveis?

PLEBISCITO

Tendo recebido inúmeras cartas que apoiam a nossa campanha a favor da revisão do processo e uma em contrário, resolvemos abrir um plebiscito por onde se possa conhecer quantas as pessoas que desejam que aquela revisão se faça e quantas as que o não desejam. Os nomes dos indivíduos que entrarem neste plebiscito, serão publicados no nosso jornal. Os boletins são, oportunamente, entregues por esta redacção, ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da República



Um dos juizes que fez parte do Tribunal Colectivo, julgador da «Família Bigodes»

mas provas que foram apreciadas pelo tribunal colectivo de segundo julgamento, os vierem a absolver, que conclusão se podia tirar? — Nenhuma, porque a dúvida subsistia. — Se os

primeiros julgadores são susceptíveis de se ter enganado, creio que os segundos não estão isentos do mesmo erro.

É, portanto, aquele juiz presidente, quem afirma que num segundo julgamento podem os réus serem absolvidos. No espírito daquele juiz há dúvida e, tanto assim, que ele, afirma não se chegar a uma conclusão porque a **dúvida subsistia**. Onde há dúvida é porque não há provas e não havendo provas, não pode haver condenações. Na dúvida deve-se absolver, porque é mais justiceiro e mais humano, absolver trinta criminosos do que condenar um inocente. Mas, no caso da «Poça das Feiticeiras», já desapareceram tôdas as dúvidas, porque há réus confessos daquele crime, que se encontram em liberdade, enquanto que Claudino Ribeiro e esposa D. Silvina jazem nas masmorras, mortos para o mundo, condenados por ele. Por tudo isto, estamos convictos de que muito em breve, a revisão será concedida para, então poder ser feita

Justiça

(Continuação do n.º anterior)

— Mas, vamos adiante: «E presidiu a tudo isto o dr. Abranches! — Pretendia-se, assim, atribuir a causa do crime ao ciúme. Porque não espancaram (?) ou mataram (?) o seu patrão no caminho que seguia de Ranhados para o solar de S. Caitano? — Homens do campo, gente boçal, teria o cuidado e a esperteza de lançar o velho Trindade do alto do pátio simulando dest'arte uma queda?... E a peregrinação macabra que teve lugar em seguida?» — De facto foi o dr. Abranches que, felizmente, presidiu a tudo isto, porque se o não tivesse feito e se a tôdas as confissões não tivessem assistido pessoas de destaque social, o que não diria agora o sr. Augusto (?) na sua *missiva*? — Morto por ter cão e morto por o não ter.

Tenha paciência...

¿Quem, sr. Augusto (?) é que pretendia atribuir o crime ao ciúme? — Os presos é

que o disseram. Mas, sr. Augusto (?) pode estar certo que as causas do crime foram várias: — Uma, de facto, o ciúme; outra, o terem de, no dia imediato, saírem forçadamente da quinta com bois, cavalo, porcos, galinhas, coelhos etc., sem saberem onde os meter e que lhes dar a comer, porque a dentro da quinta ficavam todos os pastos. Saíam sem terem nada com que se sustentarem, por naquela época do ano, os lavradores terem nos alqueives os batatais; nos lameiros os milheirais e feijoeiros; nas videiras as uvas que, quando muito, começam a pintar e nas eiras os centeios e os trigos.

Até àquela data, o lavrador que não tem meios e vive somente do amanho das terras de renda, come o pão negro de cevada que, mais temporã, os vai ajudando; a frutas, (maçãs e peras) de que a quinta era fértil, também ficava nas respectivas árvores, por falta de maturação, ficava-lhes, emfim, a dentro da quinta todo o trabalho e produto dum ano. Agora, sr. Augusto, a causa primacial, aquela que deu coragem aos criminosos, **foi o maldito vinho da malha**. Esta frase, sr. Augusto, (?) foi dita pelo célebre «Homem dos Bigodes» quando lhe perguntaram a que atribuía o crime. Esta frase, sr. Augusto,



A casa onde residia o Homem dos Bigodes e família, dentro da Quinta de S. Caetano

(?) foi dita por ele e ouvida por pessoas de posição social. Sim, deveria ter sido, de facto, o **maldito vinho da malha** que influiu no crime.

¿— O sr. Augusto (?) sabe como são as malhas na Beira Alta? — Deve saber, mas nós também lhe dizemos: — Um dia de malha, é um dia de festa, um dia de bebedeira. (Desculpe-me o plebeísmo). O vinho é trazido desde manhã, para a eira, em garrafões, em pipos, ou em regadores. Ali bebe-se à vontade. O calor sufoca juntamente com a poeira que a malha levanta. No final de cada volta, ou seja em menos de meia hora, os homens bebem, bem sempre e muito, para os manguais zurrarem e poderem ser ouvidos nas outras eiras juntamente com os gritos selváticos que os malhadores soltam. Zurrando os manguais e ouvindo-se berros, já toda a gente fica sabendo que o patrão trata bem os seus homens, que não levam dinheiro e que ali vão só pelo trato. ¿E o trato? — Santo Deus... — De manhã, ainda o sol vem na casa de Deus e já o pessoal está a matar o bicho com bacalhau frito em ovos, presunto, pão e vinho ou aguardente. Às 8 horas, três pratos fortes e *caldo*, prefaçam o almoço. Às 10, a *fatia*, constituída por carne assada ou bacalhau frito, ou ainda pastelões de ovos. Ao meio dia o jantar com outros três pratos e *caldo*. Às 3 horas a *parva*, também de coisas fritas ou assadas. Às 5 a *merenda*, onde há sempre três ou quatro pratos abundantes e escolhidos e a carne se chega a comer sem pão. No final desta refeição aparecem as rabanadas. O pessoal grita e dança com delírio. À noite, para complemento, a *ceia*. Esta gente bebe a tôdas estas refeições e fora delas; só assim, pode aguentar tão árduo trabalho como é o do malhador. Veja, sr. Augusto (?) se o Homem dos «Bigodes» não tem razão em dizer que o culpado do crime havia sido o **maldito vinho da malha**? — Alongamo-nos um pouco e, contudo, nós desejamos responder ao sr. Augusto (?) período por período. — Não sabemos a razão, sr. Augusto (?) porque os assassinos não praticaram o crime no caminho de Ranhados, mas, o sr. Augusto (?) talvez possa, se nisso tem grande empenho, perguntá-lo aos criminosos. ¿Acha o sr. Augusto (?) esperteza em atirarem com a vítima do patim para o pátio e terem

depois levado o cadáver para a «Poça das Feiticeiras»? Oh, sr. Augustinho (?) pela sua rica saúde, não diga uma coisa dessas pois do contrário, temos o direito de o julgarmos um imbecil. ¿Então o seu cérebro não discorre por forma a que se persuada de que isso foi um raciocínio absolutamente infantil? — Então o sr. não alcança que, assim, andaram com o sangue da vítima a marcar todo o trajecto que percorreram? ¿Então o sr. não sabe, querendo-se tornar tão conhecedor, que os criminosos cortaram as pontas a umas trepadeiras, porque tinham sangue, indo escondê-las por detrás duns arbustos, — mas com o rabo de fora — e num sítio de passagem, a uns vinte metros, se tanto, do solar? — ¿Então o sr. não sabe que enquanto *escondiam* pequenas pingas de sangue, deixavam no local grandes manchas dêle? — ¿E chama o sr. Augusto (?) a isto esperteza? — *Cebolorium*, sr. Augusto, (?) para tal esperteza que é própria de prêto que nunca conviveu com brancos. Francamente, sr. Augusto (?) nós ficamos a fazer de si um mau juízo e damos-lhe o seguinte conselho: Vá ter com quem lhe encomendou o recado e... puxe-lhe as orelhas por o ter metido nestes assados, mas com mais *esperteza* do que aquela que os criminosos da «Poça das Feiticeiras» tiveram, porque, se a iguala, terá que indemnizá-lo por lhe ter produzido umas orelhas muito maiores.

No próximo número continuaremos com a autopsia à carta do sr. Augusto (?), munindo-nos previamente, com um frasco de essência e ainda com máscara, pois já exala muito mau cheiro.

CÉSAR PULIMO

N. R. — como é impossível agradecermos individualmente, tôdas as cartas que nos têm sido enviadas, apresentamos as nossas desculpas aos signatários, com os protestos da nossa gratidão.



El-Rei Interêsse

O desmoronamento da maior parte das monarquias do mundo começou desde que as trombetas da Revolução de 89 proclamaram os eternos princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Mas depois de essa maravilhosa alvorada que branquejou dos lados da França, banhando na sua luz generosa a humanidade sofredora e despedaçando as algemas de uma escravidão aviltante, ergueu-se um trono universal e a ele subiu um novo monarca.

Este outro rei, de que os mais antigos ainda restantes passaram a ser simples vassallos, foi aclamado tácitamente pela oligarquia burguesa, poder que nasceu como o tortulho nos escombros da Revolução.

El-Rei Interêsse tem dominado, desde então num crescendo inquietador, o espírito, os actos e costumes do homem, materializando-o e pervertendo-o.

As suas mais caras virtudes têm sido arremessadas ao monturo, a sua consciência tem sido conspurcada ao sabor do capricho desse tirano.

Todos os seus gestos e atitudes marcam sempre a trajetória do negócio, na vida pública como na vida particular, num enlace matrimonial ou num discurso político.

Já não se diz o que se sente, nem se faz o que se deve, mas só o que convém.

O Interêsse ordena e tudo se prostra beijando o pó das suas sapatas.

Escrúpulos, cavalheirismo, nobreza de alma, estranhos sentimentos, excentricidades que se lêem na história da idade da pedra com acompanhamentos de riso fungado pelos espertalhões do século.

Negócios, negócios, eis a finalidade do homem, desde o berço à tumba. E para aqueles que alimentam a ilusão de uma vida perpétua para além da morte, o negócio é ainda o meio de assegurar um bom lugar para mansões doiradas do Céu, que a Igreja oferece a trôco de umas libras para a cera...

O homem já não procura uma mulher obedecendo à necessidade fisiológica de ter uma companheira, isto é, o complemento do seu próprio ser. Já não é o amor que escolhe a sua esposa, cercanda-a de uma auréola de encanto, divinizando-a: é a preocupação, o cálculo do número de contos da fortuna de seu pai, na razão inversa do número de seus irmãos.

Já não se procura, não se tem um amigo por reciprocidade de afecto, para troca de desabaços de alma; o amigo nominal busca-se e mantém-se, se tem dinheiro, se está em condições de nos prestar favores, pois o deserdado não passa de um calhau encontrado no caminho que a nossa bota atira depressa para a valeta.

Isto é apenas um pequeníssimo fragmento do panorama que se patenteia aos olhos dos que ainda quiserem e souberem ver e avaliar a triste degenerescência a que é chegado o género humano.

O dr. Almerindo Lessa, nável médico, cuja actividade intra e extra-universitária refugue talento, cultura e vanguardismo, mirando sempre um auspicioso dever de perfectibilidade, acaba de assinar uma interessante e útil brochura — «Exortações Eugénicas» — onde flagrantemente exuberam os seus conhecimentos sexológicos e nitidamente reverbera a sua nobre facies moral.

Arietando a bovina indiferença do chatim, absorvido nas transcendentales lucubrações do Deve e Haver, concitando a antipatia dos fósseis que, à parte honrosas excepções, se amesandam nos bancos e cátedras das escolas, o autor, fazendo tábuas rasas de pudores, de convenção e morais de sacristia, exorta-nos a procriar, não ao sabor do acaso, mas sim ordenada, sensata e inteligentemente.

Como? Subordinando-nos aos previdentes conceitos de Eugénia, ciência que tem por fim favorecer a génesis de seres humanos isentos de taras fisiológicas e psíquicas e reprimir a procriação sempre que o exame da ascendência, estado e condições de vida dos futuros pais se afigurem susceptíveis de pôr em xeque a integridade física e moral dos possíveis nascituros.

O Dr. Almerindo Lessa principia por um ligeiro esboço do panorama eugénico, desde a Idade Antiga aos nossos dias, no qual nos ensina que desde a mais remota antiguidade, diversas personalidades eminentes se assinalaram como paladinos da Eugénia. Simultaneamente enumera-nos as muito variadas medidas propostas por elas, algumas das quais foram e estão sendo postas em prática. O movimento pró-Eugénia adquire dia a dia maior amplitude, sendo numerosas as agremiações que, em muitos países, se devotam à propagação dos princípios eugénicos.

Não deve procriar quem quere, mas apenas aqueles que ofereçam probabilidades de descendência sã sob todos os pontos de vista, e cujos proventos permitam assegurar a tal descendência a continuidade e seqüência da sanidade pre-natal.

No que respeita a pais indesejáveis, isto é, cuja possível prole não faculte garantias de salubridade física e mental, ou cujas condições económicas os inibam de assegurar aos filhos um ambiente favorável, devem abster-se de procriar, recorrendo à técnica neo-maltusiana. Dos meios que a mesma técnica aconselha o mais inofensivo e melhor é o pessário oclusivo.

Dizem os Exortações Eugénicas: «Devem usá-lo os bons pais em certas ocasiões graves da vida (desemprego, crise económica, greve, doença grave temporária, etc.) e os maus pais (por miséria ou grave doença crónica) permanentemente. Deve evitar-se a concepção definitivamente quando: a) a mulher se encontrar na impossibilidade mecânica dum parto fisiológico; b) em caso de tuberculose evolutiva; c) em casos de doenças incuráveis ou transmissíveis; e temporariamente em caso de sífilis ou inflamação aguda dos órgãos genitais».

Além dos meios que nos faculta a Eugénia restritiva neo-maltusiana há também os da Eugénia anti-concepcional negativa, que são a segregação, castração e esterilização, as quais não impedem o comércio sexual.

O Estado deve intervir quer para fomentar a sã procriação quer para refrear a má.

Para este efeito deve: criar o certificado antenupcial; proteger e subsidiar os progeneritores salidáveis, habilitando-os com os meios suficientes para fazer face aos encargos da prole; instituir certos organismos de assistência e consulta tais como

As monarquias políticas, pelos ventos que sopram, parece que tendem a voltar ao fastígio abandonado, embora com modalidade exterior diferente. Mas o poder dos seus reis pessoais não conseguirá destronar tam cedo esse outro rei, imponderável como a luz e invisível como o vento, cujo reinado pernicioso não se sbac quando acaba, cujo despotismo não tem igual em brutalidade.

D. QUIXOTE

COMENTÁRIOS À MARGEM DAS "EXORTAÇÕES EUGÉNICAS"

Institutos de Puericultura, Casas de Grávidas, etc.; recorrer à esterilização forçada em certos casos e para certos indivíduos («inferiores em contacto com a Benificência Pública, incivilizados (homens que fazem vida selvagem num país civilizado, borens à margem do Estado»), grandes criminosos, prostitutas e alienados»).

Eis aqui o substrato das «Exortações Eugénicas», ressaltando aos olhos do mais desprevenido a eficiência e amplitude da Eugénia como factor de progresso e efficacíssimo coadjuvante da selecção natural. Bem haja pois o Dr. Almerindo Lessa pelos esforços que envia para ensimesmar no espírito público o urgente e oportuno rumo que é necessário imprimir à nossa vida sexual, se é verdade estarmos firmemente dispostos a pôr um travão no crescente decaupamento da raça.

Os horizontes que a ciência nos desvenda são um augúrio magnífico de ilimitadas possibilidades em prol do aperfeiçoamento do ser humano.

Por certas experiências feitas sobre seres simples conclui-se que há certas substâncias químicas que podem provocar nos mesmos seres o advento de novos caracteres hereditários.

«Os ovos dum peixe marinho, o fundulos, mergulhados numa solução de clorureto de magnésio, dão vida a pequenos peixes que têm um só olho na linha mediana da face. Em certos pulmões que vivem nas roseiras a fêmea partenogenética dá vida a novos seres, dos quais uns serão alados e outros ápteros. Se regarmos a roseira com certas soluções de sal de magnésio, ou de antimónio, ou de níquel, ou de estanho, de chumbo, de mercúrio, ou de açúcar, todos os novos seres se tornam alados. O álcool, o ácido acético, o alúmen, o tanino, os sais de cálcio, de estrôncio, de potássio, impedem, pelo contrário, a formação das asas. Sabe-se também que os embriões da rã alimentados com a tiróide de mamíferos se metamorfoseiam rapidamente, sem esperar o crescimento normal, e dão vida a rãs anãs. Alimentadas a timo dá-se exactamente o contrário: os embriões crescem muito rapidamente e por vezes não sofrem metamorfose alguma». (Ixigrec)

Estas modificações artificialmente provocadas verificaram-se em seres simples, mas quem pode afirmar que não chegaremos um dia e por meios idênticos, a provocar nos seres humanos idiosincrasias favoráveis?

Temos à mão uma interessantíssima brochura de Drzewiecki — «Geração de Filhos Primorosos» — da qual destacamos o que segue:

«Pela minha parte estou plenamente convencido de que os diversos defeitos psíquicos e físicos, atribuídos à hereditariedade, são na maior parte resultado das impressões morais derivadas do que rodeia a mãe durante o embaraço ou gravidez».

«Nem todas as mulheres têm filhos que tragam os sinais das suas impressões. Se assim fôra, disse Buffon, que diversidade e estranhos caracteres se nos ofereciam? A natureza não dotou todos os homens da mesma sensibilidade nervosa e porisso as impressões não são as mesmas para todos. Não obstante, temos de admitir que as impressões fortes e continuas, devem fatalmente ter influenciado sobre o feto».

«É muito provável que nas impressões morais da mulher se ache a explicação do segredo de os irmãos terem frequentado diferente carácter, temperamento, capacidade, etc. Esta diferença, que se manifesta tão a miúdo, está em contradição com a teoria da hereditariedade tão admitida frequentemente».

«Foi no meio das perturbações civis, dos combates e das escaramuças que Carlos Bonaparte (pai de Napoleão Bonaparte) desposou Laetitia Remolini,

uma das mais belas donzelas da ilha, dotada de grande firmeza de carácter. Enquanto durou a guerra civil, ela partilhou os perigos com seu marido, e diz-se que em algumas expedições militares ou talvez em alguma fuga precipitada, ela o acompanhou a cavalo, pouco antes de dar à luz o futuro imperador».

«O homicídio de David Rizzio foi perpetrado por nobres armados, com diversas particularidades de violência e terror, na presença de Maria, rainha da Escócia, pouco tempo antes do nascimento de seu filho, que foi depois Jaques 1.º de Inglaterra. A natureza medrosa deste monarca tem sido mencionada por todos os escritores: tremia involuntariamente, à vista duma espada nua. Entretanto a rainha Maria não deixava de ter coragem, e os Stuarts, antes e depois de Jaques 1.º distinguiram-se por essa qualidade. Napoleão e Jaques 1.º, formam dois contrastes frisantes: o perigo que corria a mãe de Napoleão, e que ela afrontava, parece ter exaltado o seu espírito: enquanto, as circunstâncias em que se achava a rainha Maria não eram próprios senão para lhe inspirar receio».

«Galeno refere que um preto romano, pouco favorecido pela natureza e pai dum filho feio e corcunda, mandou colocar por conselho daquele médico três estátuas do Amor em volta do leito conjugal; depois disso, a mulher deu à luz um segundo filho, cuja beleza excedeu todas as suas esperanças».

«Sabe-se que Tristan Shandy era exageradamente distraído e que atribuía esta particularidade do seu carácter, a uma circunstância fortuita bastante singular. No momento em que ele ia passar do estado de óvulo ao de embrião, sua mãe havia subitamente interrompido o autor dos seus dias com estas impertinentes palavras: Parece-me que te esqueste de dar corda ao relógio».

«Sterne põe na boca do seu herói este genial humorismo, que expressa um dos factos mais bem averiguados da fisiologia:

A influência que exerce sobre o embrião o estado moral dos pais no momento da concepção».

«Portanto, uma impressão, seja contínua ou acidental, recebida durante a vida do feto, tem sua influência no desenvolvimento do cérebro e dos órgãos individuais, e por esta razão uma impressão forte e momentânea, até um sonho da mãe, e transmitida por ela mesmo, é capaz de produzir mais tarde uma série de mudanças no desenvolvimento do feto».

«O dr. Eduardo Garraway (British Medical Journal, 1886, vol. 1.º, pág. 287) relata o interessante caso seguinte:

Certa senhora de gosto sumamente delicado, tinha o costume de colocar-se diante dum grupo de estátuas, entre as quais havia uma figurita da qual estava enamorada. A figura representava Cupido em repouso, com a face apoiada nas costas da mão; e a dita senhora procriou e deu à luz um menino cujas formas e traços eram duma semelhança notável com o citado Cupido».

«Tive ocasião de ver esse menino no berço e observei que havia adoptado a mesma posição da estátua, isto é, a face sobre as costas da mão, e que tomava invariável e involuntariamente a mesma posição durante o sono, conservando-a não só no período da infância, mas também em idade mais avançada.

«O Dr. James Brydon (British Medical Journal, 1886, vol. 1.º, pág. 66) cita o seguinte caso que se deu consigo:

«Há ainda pouco tempo assisti à senhora Z. no seu segundo parto: logo que nasceu o menino fez-se-me a pergunta do estilo: — Vai tudo bem? Respondi afirmativamente. De repente nota a

enfermeira que o mamilo direito faltava em absoluto no menino. Disse-me depois a mãe que, estando grávida de quatro meses, sonhou que um gato lhe arrancava o mamilo direito e que a impressão recebida foi tão viva que a fez despertar em gritos, explicando ao marido a causa desse espanto: este último confirmou o facto anterior. A seriedade e sinceridade desta senhora e do marido, são indiscutíveis».

«O momento da geração tem uma influência decisiva sobre a vida inteira da criança, quer no físico quer no moral».

«Esta influência, bastante conhecida nos nossos dias, não era desconhecida dos antigos».

«Hesíodo, poeta grego contemporâneo de Homero, aconselhava que se não engendrassem filhos depois de se haver assistido a honras fúnebres, mas sim depois de se ter estado em festas alegres, porque — dizia — o sêmen transmite a alegria, a tristeza e



Dr. Almerindo Lessa

todos os estados de alma. Este asserto tem sido confirmado pela experiência».

Cita Lombroso:

«De Candolle fala da influência que pode ter sobre os filhos um estado de paixão violenta dos pais no momento da concepção e lembra o número considerável de bastardos de génio».

«Um filho de Luis XV e da Montespan, gerado numa crise de remorsos e lágrimas, na época do Jubileu, era, pelo seu estado de tristeza permanente, denominado o filho de Jubileu. (Djerine)».

O que acima fica transcrito confirma de maneira ineludível que, quando copulamos com o propósito de procriar, devíamos preparar-nos para tal acto, consultando um médico que nos garantisse o bom estado da nossa saúde, esforçando-nos intencionalmente por colher toda a espécie de sensações agradáveis e abstendo-nos durante uma temporada das práticas sexuais, para reunir assim um máximo de força, energia e bem estar.

Em nosso entender urge estabelecer uma separação bem nitida entre o coito estéril e o fecundo,

pois, como acima vimos, até o estado moral dos pais no momento de concepção tem influência no embrião.

Estamos certos de que o Dr. Almerindo Lessa há-de prosseguir na rota encetada, procurando emprestar às suas convicções eugénicas uma objectivação prática.

Oxalá que tão alevantado escopo não faleça a minguia de cooperação, como soi acontecer entre nós quando alguém se propõe acordar-nos da modorra em que se compraz a nossa mentalidade chiffrim.

Felicitemos portanto o Dr. Almerindo Lessa, cujas nobres intensões é justo encarecer, e só lastimamos que a sua fé eugénica, ao deixar o campo de ciência pura pelo da aplicada, isto é, ao abordar o assunto das possibilidades práticas, sofre uma deformação conformista.

Porque ou a Eugénia se restringe ao seu verdadeiro âmbito, que é apenas o do determinismo biológico, ou se preocupa também com o determinismo social e neste caso deve, indiferente a interesses criados, exigir que a sociedade assegure a todo o indivíduo a livre e integral satisfação de todas as suas necessidades, tanto fisiológicas como psíquicas.

Porque só assim o económico deixará de condicionar o sexual, de o deformar, de o castrar, (o que de resto acontece com todas as nossas modalidades de vida e acção) só então as uniões sexuais serão, não uma vulgar operação comercial ou um mero contacto de epidermes, como muitas vezes sucede hoje, mas sim o fruto exclusivo do amor.

O que equivale a dizer que só então a Eugénia poderá ser uma realidade, porque só então serão definitivamente eliminados todos os obstáculos que impossibilitam o aperfeiçoamento do homem.

Se os Eugénistas se deixarem possuir de um miserável e mesquinho oportunismo, isto é, se em vez de adaptarem a organização social à Eugénia procurarem adaptar a Eugénia à organização social presente, nunca a Eugénia será um facto ou os seus benefícios serão quasi nulos.

Porque se adaptarmos a Eugénia à presente organização social chegamos a esta conclusão: a rigor só os ricos a poderão praticar.

Do mesmo modo que só eles, presentemente, podem praticar a higiene.

O Dr. Almerindo Lessa, cujo espírito desempoeirado conhecemos bem, ao congeniar as suas Exortações Eugénicas deixou-se irreflexivamente influenciar por esse confesso reacionário que é Leonardo Darwin, sábio eminente que, como tantos outros, perante a iumanidade da presente organização social tem subserviências de laçao.

São exactamente os pontos em que o Dr. Almerindo Lessa perflha as opiniões de tal sábio que concitam a nossa discordância.

(Conclui no próximo número)

CLAUDIO REVEL

AOS VIAJANTES

Pensão de Guimarães de JOAQUIM DA SILVA

Diárias desde 14\$00 a 20\$00
Almoços a 8\$00 Jantares a 10\$00
19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES
TELEFONE, 121

¿A Casa dos Pobres ludibriada?

Uma obra grandiosa. Palestra reveladora. Visitando a Casa dos Pobres. A cama n. 78. A amiga de Peniche e uma purga misteriosa.

EXISTE NO Pôrto, conforme é do conhecimento de todos, uma instituição beneficente denominada *Casa dos Pobres*, instituição essa que é de carácter oficial e para a qual contribui a maior parte da população cidadina, auxiliando a sustentar uma nobre causa que só honra e dignifica este burgo de tão gloriosas tradições.

Permitindo dar pão e agasalho a algumas centenas de desprotegidos da sorte. — o que diminui consideravelmente ao número dos mendicantes — são merecedores da maior gratidão os autores de tão filantrópico estabelecimento e os seus continuadores.

Durante uma conversa com um amigo, no momento em que elogiava a obra acima referida, surgiu esta revelação:

— Na Casa dos Pobres, não há só indigentes! Não. Há quem, abusando da boa fé, ludibriando os seus dirigentes, tenha internado uma pobre velha — sem disso ter necessidade — e depois de terem tomado o compromisso de a tratarem até à morte... — ...!?!

— Duvida! Pois dê-se ao encomodo de o verificar pessoalmente, e terá não só a confirmação das minhas palavras, como também conhecimento de alguns factos mais graves.

Pedimos ao nosso amigo que nos esclarecesse melhor; negou-se terminantemente dizendo que não queria que procedessemos suggestionados, — sorrimos porque tal é difícil, — mas tratamos de seguir o seu conselho.

Presos de curiosidade em conhecer completamente o assunto, encaminhamo-nos para a citada casa de caridade.

Não era a primeira vez que lá iam, mas nesta ocasião o assunto era muito diferente: Já não eramos o visitante curioso das outras vezes, mas sim o dever profissional, que nos obrigava a desvendar segredos até hoje ignorados.

Feita a nossa apresentação ao sub-chefe Alberto, que, com uma obsequiosa atenção imediatamente se pôs ao nosso dispôr, iniciamos as investigações.

Percorrendo um esplêndido dormitório bem arejado, onde se faz notar o acieo e a boa ordem; ao ver o conforto que ali usufruem essas velhinhas — que cá fora não passavam de uns farrapos humanos, sofrendo privações — não podemos deixar de intimamente abençoar aquêles que tendo uma mesa farta não se esquecem dos que, de tudo precisam, proporcionando-lhes o pão e abrigo de que tanto carecem, amenizando-lhes os últimos dias da existência.

Seria fastidioso para os leitores, descrever a palestra que tivemos com a Sr.^a Maria Barbosa, a qual ocupa a cama n.º 78. Vamos expôr o que de mais importante nos contou, e averiguamos ser verdade.

Na rua Serpa Pinto, 667, existe um estabelecimento de carvoaria, de que eram proprietárias as Sr.^{as} Emilia Barbosa e sua filha Maria Barbosa. Porque os negócios lhe corresse mal, ou a sua avançada idade não lhes permitisse administrar o estabelecimento, julgaram conveniente essas senhoras, trespassá-lo a uma sua vizinha — uma tal Ana Hortaliceira — que entregou ao sr. Manuel Domingos Lage, credor das duas velhotas, *Escudos 1.200\$00*, para que esse senhor se encarregasse de saldar todo o passivo da carvoaria, missão que esse cavalheiro desempenhou escrupulosamente.

A Ana Hortaliceira, além de *1.200\$00* que entregou, comprometeu-se perante o Sr. Lage, de sustentar e dar abrigo às duas velhotas, enquanto vivas.

Até aqui está tudo muito bem, mas... (há sempre um mas...) como toda a medalha tem reverso — este caso que em principio decorreria o mais harmónicamente possível, acabou por ter um fim, se não podemos afirmar trágico, foi pelo menos deplorável.

A Ana Hortaliceira antes de poder chamar sua à carvoaria, (que talvez fosse o seu sonho dourado) era de uma dedicação extrema para com as duas velhotas, prestando-se a serviços (gratuitos) que nem todas as pessoas se prestariam e tratando-as com um carinho digno de nota. Pois muito bem; logo que se apossou da carvoaria, os actos da Ana Hortaliceira, sofreram uma modificação completa para com as duas pobres velhas. Já não era a amiga dedicada, mas sim a tirana de dois séres que pela sua avançada idade se tornaram inofensivos.

Não eram decorridos dois meses e a Maria Barbosa, era internada na *Casa dos Pobres*, como indigente, num *ludíbrio* a quem superintende na referida casa, como *ludibriado* foi quem na sua boa fé lhe passou o atestado de informação de residência, pois a internada habitava no prédio da carvoaria que é na rua Serpa Pinto, 667, e não na mesma rua n.º 672, casa 2, onde nunca habitou; mas, a Ana e os comparsas (?) numa ânsia sófrega de se verem livres da pobre velha, não recusaram prestar falsas declarações!

Atitude repugnante que só revela uma grande baixa moral, estamos cientes que tal acção não ficará impune. Maria Barbosa está internada na Casa dos Pobres — indevidamente — e com prejuizo de uma verdadeira indigente a quem será vedado

ingresso, enquanto uma *vaga*, não permitir a sua entrada.

Maria Barbosa, não precisa pois da sopa dos pobres, porque Ana Hortaliceira se comprometeu a cuidar dela até à morte...

Sobre a infeliz Emilia Barbosa o caso torna-se mais escuro, mas não desanimamos que luz se faça por completo a tal respeito, e isso deixamos a cargo da policia porque só às suas atribuições pertence. Mas a-pesar-de tudo, devemos salientar alguns pontos interessantes.

Já tão citada Ana, livre de uma bôca a quem tinha prometido sustento até à hora derradeira, (pois fez parte do contrato para o trespassar da carvoaria) tratou de martirizar a que ainda lhe ficava em casa, pois era um tropêço que tinha de aguentar, talvez por não lhe poder dar destino igual à filha.

Certa noite a pobre da Emilia começou a gemer bastante, gemidos que chegaram a transformar-se em gritos, dizendo: *Vocês querem a minha morte... Malditos pós brancos que me desteis. Aquilo não era purgante, mas sim veneno para os ratos.*

Em face de tais lamentos, que julgais presados leitores, da atitude da Ana? Julgais que tratou de acarinhar a velha? Fez precisamente o contrário. Entre outras coisas, sabemos que lhe disse com modos rispídos: — *Faça pouco barulho, porque pode acordar os vizinhos; você julga que isto é o tempo antigo? Agora mudou muito de figura.* E foi-se sem ter ao menos, dado um chá à pobre doente.

E' inacreditável, mas são factos autênticos.

A Emilia, que a-pesar-dos seus 93 anos, ainda na véspera estivera sentada à porta a remendar, em poucas horas sofreu uma modificação tão completa, pois não aparentava sofrimento algum, e isto devido à Ana Hortaliceira... *lhe desejar boa saúde*, pois ministrou-lhe um purgante já antigo, *que tinha em casa* e que, segundo dizem, se destinava a um falecido neto.

Que pós seriam esses? Ignorámo-lo; mas parece-nos que não foram aviados mediante receita médica. Entendemos que este caso, para que a verdade seja posta a claro e não haja alguém numa posição falsa, devia ser esclarecido por quem de direito.

Devemos registar ainda, que quando da nossa visita à Maria Barbosa, perguntamos-lhe a que atribuíamos a morte da mãe. Respondeu-nos:

— A minha mãzinha sofria do coração,

Ecoss da Grande Guerra

Algumas passagens. Traiçõs e espionagens. O triste fim de espõs e traidores. Os primeiros na maioria dos casos, aventuram-se por patriotismo... Os últimos, quâsi sempre, pelo negro sâdismo de entregar os seus aos adversários. Execuções sumaríssimas.

TEMOS presente muitos números da interessante revista francesa «*Vu*», que, sobre este assunto, se refere muito largamente, com elementos infofismáveis e com um raro documentário fotogrâfico.

Com efeito, espõs e traidores, formam duas classes distintas. Os primeiros, na generalidade, são movidos por aquêlo instinto de abnegação e amor pátrio, que êles tão altamente compreendem, e que os leva a expôr a vida longe dos seus países, na mira de reviverem com elementos secretos, colhidos à custa de inúmeros sacrifícios, só para que possam triunfar sobre os adversários, conhecendo-lhes os segredos íntimos — as ultimas disposições para o combate.

Geralmente, acontece que, ao falar-se na palavra **espõs**, se lhe sucede um desdenhoso encolher de ombros, logo a seguir acompanhado por um dizer de nojo.

¿Porquê?

Porque — e isso sempre acontece — a palavra **espõs** — é depreciativa... Mas, devemos apreciar, sobretudo, que este pegrovativo nem a todos os espõs se deve apellidar. Senão, vejamos: — A um homem que, longe da sua pátria e do carinho dos seus, se aventura a arriscar a vida, só para ver o que se passa no campo contrário, a-fim-de o comunicar o que observa e que,

às vezes, é de capital importância, — pode querer-se-lhe mal, intitulando-o de *espião* no seu verdadeiro terreno?

Nunca! Esse homem, conquanto *espião* — uma vez que é a favor dos seus, é um herói — mas um herói obscuro, que luta na sombra, que se bate como um leão, conquistando segredos a favor da sua pátria.

¿Isso é desprezo?

¿Não o pode ser, não!

Mas, a palavra *espõs* também tem outro significado: — os que espiam em favor dos seus, são heróis geralmente desconhecidos; porém os que exercem a espionagem a favor de outro país, contrário do seu, deixam de ter o nome de espõs para serem considerados — e com razão — como *traidores*.

Para estes, todo o rigor dos Códigos Penais Militares, desde que o crime seja comprovado, é pouco. Para os outros, devia haver talvez, atendendo ao seu sacrifício, um pouco mais de compaixão. Seria lógico e humano, de facto.

¿Mas, para um juiz beligrante, quem vai acreditar em espõs? São e serão sempre os eternos e obscuros heróis, que se batem no silêncio da sua profissão, — a favor da sua pátria. Os outros... são os judas que chegam à beira do Nazareno — neste e no seu país, para o beijarem, acariciarem e — logo a seguir — o entregarem aos contrários.

Durante a conflagração de 1914-18, todos os juízes contedores sustentavam uma repressão formidável contra os espõs — no seu termo genérico.

¿No meio de tudo isto, como depois foi proficientemente provado, milhares de inocentes pagaram culpas que não tinham, só porque um indício, uma suspeita, por vezes inverosímil, os indicou como delatores ou espõs.

A seguir — os conselhos de guerra e as execuções da suas penas, por vezes bárbara.

Os franceses e os ingleses, ao mínimo indício, fusilavam; os austríacos e os bulgaros, etc., enforcavam os culpados, ou acusados, embora com falta de provas.

Quer isto dizer: — Em qualquer das hipóteses, os espõs e traidores, têm sempre a pena última, como castigo.

¿Mas, de entre estes, como a princípio dissemos, devemos salientar os primeiros, que servem a pátria por vezes longínqua, e lastimar os ultimos... que renegaram o País onde nasceram e, assim, a própria origem do seu sangue!

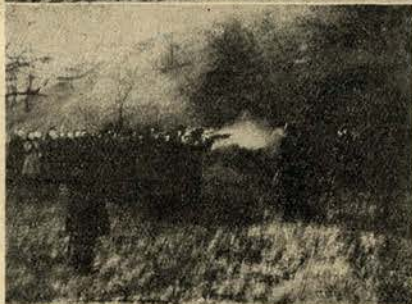
mas... uns parece que uns pós brancos que lhe deram, não foram grande coisa; os tais pós parece que eram melhores para os ratos.

Pobre vêlha. Viveu humilde e como tal se finou. Levaram-na para a última jazida sem ter podido dar o último beijo na sua querida filha, outra vêlhinha também, hoje considerada como indigente, na camo n.º 78, da Casa dos Pobres.

*

E agora, leitor amigo, permite que fiquemos por aqui... até o próximo número. Entretanto, iremos ouvir a Ana Hortaliçeira e depois dir-te-emos algo, que deve surpreender-te.

FRANCISCO PEREIRA



*Três aspectos do fusilamento dum espõ de guerra, que a censura francesa de então, não permitiu fossem publicados. — Foto extraída da revista «*Vu*»*



UM DOCUMENTO ORIGINAL

HÁ documentos que, pela originalidade que encerram espicaçam a nossa atenção, obrigando-nos a estudar a «estrutura» a que obedecem e ao fim a que se destinam.

O que hoje inserimos nas nossas colunas, se bem que, aparentemente nada tenha de extraordinário, é tão curioso e possui tais méritos de publicação, que não resistimos a transcrevê-lo na íntegra, a fim de que o leitor possa apreciar a sua essência, — mesmo nas entrelinhas.

Acusar-nos, os *despeitados*, de fazermos publicidade gratuita a tal documento, não interessa ao instinto que nos move.

Se o fazemos é apenas por mero capricho e sobretudo por ser *curioso*... mesmo muito interessante.

Ei-lo:

José Guilherme Pinto Ponce de Leão Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e notário na cidade do Pôrto.

Certifico que a folhas doze verso do meu livro de notas numero quinze C, se encontra exarada a escritura que me é pedida por CERTIDÃO e cujo teor é o seguinte:

Confissão de divida. Em treze de Janeiro de mil novecentos e vinte e sete, no Pôrto e meu cartório, á rua Sá da Bandeira, trinta — perante mim José Guilherme Pinto Ponce de Leão, notário da Comarea — compareceram como outorgantes: Primeiro — Geraldo de Araujo Gonçalves, casado, comerciante, residente no lugar de Pedrouços, freguesia de Aguas Santas, Concelho da Maia; Segundo — Victor Longa, casado, empregado comercial, residente na rua Sá da Bandeira, trezentos setenta e cinco, desta cidade. Pessoa cuja identidade me foi abonada pelas duas testemunhas edoneas adiante mencionadas.

E, perante mim e estas, disse o primeiro. Que para as suas necessidades comerciais recebeu êle primeiro outorgante do segundo, por emprestimo, em fracções varias, a importancia de cincoenta contos de que, pela presente escritura, se lhe confessa e reconhece devedor.

Que não tendo presentemente recursos, mas estando na expectativa de ser nomeado aferidor de pesos e medidas no concelho de Vila Nova de Gaia, se obriga a pagar ao segundo outorgante aquela importancia em prestações semestrais de uma importancia correspondente a um terço do rendimento que lhe der tal lugar, quer em ordenado, quer em emolumentos.

Que essas prestações começarão a ser contadas desde a sua nomeação para o referido lugar e o seu quantitativo

será apurado e pago nos cinco dias immediatos ao ultimo dia do semestre a que respeitarem.

Que a importancia em divida não vencerá juro algum; mas as prestações que não forem pagas no seu vencimento começarão a vencer desde este até ao seu pagamento o juro de dez por cento.

Que, se por culpa dele, primeiro outorgante não se fizer o apuramento no tempo devido, ficará o segundo outorgante com direito a exigir-lhe, como prestação do semestre respectivo, uma importancia correspondente ao dobro da recebida ou devida pelo semestre anterior.

Que, se ainda não tiver sido apurado o quantitativo de nenhuma prestação, se obriga a pagar, como valor da primeira, a importancia de cinco contos.

Que esta obrigação subsistirá emquanto ele primeiro outorgante ocupar o lugar referido ou qualquer outro de igual, superior ou inferior categoria para que venha a ser nomeado.

Que, porem, se ele primeiro outorgante fôr demitido ou suspenso, nada lhe poderá exigir o segundo outorgante emquanto durar tal situação.

Que se obriga a passar procuração bastante ao segundo outorgante para este poder receber directamente dos cofres publicos os seus ordenados e emolumentos até á importancia necessária para ele se embolsar das prestações que se vierem a vencer de conformidade com o presente contrato.

Que os bens dele primeiro outorgante não responderão pelo pagamento da divida aqui confessada, mas responderão pelo pagamento das prestações referidas e por quaisquer indemnização que derivem da falta do cumprimento do contrato, por sua parte.

Que a parte da divida não paga á data do seu falecimento caducará, não podendo assim o segundo outorgante exigí-lo dos seus herdeiros.

Pelo segundo outorgante foi dito. Que aceita o presente contrato nos precisos termos exarados.

Dou fé que assim o outorgaram e aceitaram. Selo: Escudos Cincoenta e dois e cincoenta centavos.

Foram testemunhas — que assinaram nesta escritura com os outorgantes e comigo, que a li, em voz alta, perante todos: Augusto Gonçalves da Costa, casado, comerciante, da rua de Santa Catarina, cincoenta e três, e Antonio Martins Rosas, casado, Architecto, da rua de São Pedro de Campanhã, trinta e sete, ambos desta cidade.

Geraldo de Araujo Gonçalves, Victor Longa, Augusto Gonçalves da Costa, Antonio Martins Rosas, José Guilherme Pinto Ponce de Leão.

É certidão que fiz extrair e vai conforme o original.

Porto, 19 de Maio de 1931



Folheando Antiguidades

Um individuo procurou outro e, não o encontrando, pregou-lhe um papel na porta a dizer-lhe o que pretendia. — Lembrando-se, porém, que ele podia vir já de noite, acrescentou: — Se à hora da tua chegada, já não poderes ler, pede uma luz ao vizinho.

Um estrangeiro que entendia muito pouco da lingua portuguesa, estando uma noite próximo de certas damas, apaixonou-se excessivamente por uma delas. Ao retirar-se querendo dizer-lhe que a levava no coração e não sabendo proferir esta palavra em português, deu por acaso, com um baralho de cartas sobre uma mesa e, tirando o az de copas, chegou-se a um sugeito e perguntou-lhe como se chamava aquilo.

— Az de copas, lhe respondeu o outro.

— Então o estrangeiro, aproximando-se da dama dos seus encantos e pondo-o sobre o coração, disse-lhe, com toda a ternura:

— «Mademoiselle, eu leva você meu az de copas».

UMA rapariga foi apresentada a James I de Inglaterra, como o maior prodígio de aqueles tempos. A pessoa que a apresentou ao rei, disse-lhe, que esta menina era instruída em todas as linguas antigas. — «Asseguro a V. M., que ela escreve e fala o latim, o grego e hebraico.

Certamente, replicou, o rei, são talentos raros, numa tão jovem menina; mas disse-me, ela sabe fiar?

HERODES

O Crime da Pôça das Feiticeiras (PLEBISCITO)

Relação daqueles, que desejam justiça

Antônio dos Santos Monteiro, torneiro; Domingos Tavares d'Almeida, serralheiro; Antônio Taveira, forjador; José Teixeira Machado, adventício; Manuel Antônio dos Santos, serralheiro; Antônio José Moreira, calafate; Antônio Luís de Oliveira, serventuário; Alberto José Soares, pedreiro; José da Costa, fogueiro; Antônio Maria Ferreira, fogueiro; Antônio Ferreira Areosa, pedreiro; Joaquim de Castro Santos, carpinteiro; Antônio dos Santos Canastro, carpinteiro; Alvaro Gonçalves Maia, adventício da Alfândega; Abílio Vieira da Rocha, afinador; Eduardo Pereira Rodrigues, afinador; Manuel Alves d'Almeida, afinador; Manuel Silva, operário; Júlio Felix da Silva Barbosa, emp. comercial; José A. de Oliveira Praça, emp. comercial; Raul Machado, emp. comercial; Júlio da Conceição, emp. forense; Custódia da Conceição, doméstica; Maria Júlia da Conceição, doméstica; David Barbosa, emp. comercial; Porfírio Cardoso da Silva, barbeiro; Artur Augusto Silva, fundidor; Eurindo José de Sousa, caldeireiro; José Torres, fosforista; Eduardo Bernardes, torneiro; Alfredo Pinto de Brito, maquinista; Adelino dos Anjos, serralheiro; João de Souza, emp. comercial; Maria Leite, doméstica; Francisco José de Sousa, comerciante; Antônio Vieira, emp. comercial; Antônio de Almeida Carradas lapidador; Glória de Jesus Vieira, negociante; D. Lício, emp. municipal; Balbino José Vilela, picheleiro; Laura da Conceição, costureira; Alcina da Silva, gaspeadeira; Manuel de Sá Carneiro, tipógrafo; Inez da Silva Barbosa, doméstica; Domingos Ferreira Barbosa, chauffeur; José Domingos Barbosa, emp. comercial; Virgílio Jesus Souza, encadernador; Emílio Albertino Freitas da Silva, encadernador; João Joaquim Claro, encadernador; Manuel Moraes, marceneiro; Antônio C. Santos Lopes, tipógrafo; Ernani da Silva Gesto, emp. escritório; Octávio da Silva Peixoto, estofador; Sebastião Ribeiro Barbosa, estudante; Adriano Teixeira, estudante, Manuel Pereira de Mendonça, 1.º sarg. enf.; Adrião da Silva Bartolo, emp. de armador; Augusto Júlio, serralheiro; Ana Soares de Almeida, doméstica; Arnaldo Sangaio de Souza, tipógrafo; Domingos Guimarães, estudante; José Gaspar de Almeida, estudante; Eduardo Augusto Marques, estudante; Antônio Braga, estudante; Abílio Fernando Possacos, estudante; Manuel Ribeiro da Silva, estudante; Leonel da Silva Ferreira, estudante; Carlos de Figueiredo, emp. comercial; João da Silva Graça, emp. comercial; Maria da Conceição Loureiro, doméstica; Henrique da Costa Loureiro, comerciante; Alcina Ramos da Costa Loureiro, doméstica; David Alves d'Oliveira, chauffeur; Mário Fernando da Silva, chauffeur; Olívia Cercal Ribeiro, modista; Francisco Vieira, telefonista; Alberto Mesquita, chauffeur; Francisco d'Oliveira, maquinista; Zulmira Alves d'Oliveira, doméstica; Fernando Borges, comerciante; Túlio Gonçalves Borges, emp. comercial; J. Vaz Torrié, emp. escritório; Manuel Octávio Torrié, Octávio

Torrié, empregados de armazém; Manuel de Seixas, empregado de armazém; Manuel Pinto da Silva Júnior, emp. escritório; Fernando Pereira, estudante; Eurico Almeida, emp. comercial; Alberto Alexandre Ramos, emp. comercial; Augusto Manuel Maia Vilela, emp. comercial; Fernando Pimenta Faria, emp. comercial; José Ribeiro Gonçalves Basto Júnior, emp. comercial; Waldemar Mendes, emp. comercial; João Moraes Sarmento, estudante; Adriano de Carvalho, emp. Cor. e Telég.; Amadeu Eurípedes Cachim, estudante; Nicolau José Baptista Cordeiro, estudante; Guilherme da Silva Aguiar, carteiro; Alfredo Carlos da Costa Freire, of. Cor. e Telég.; João Cardoso Perinhas, carteiro; Antônio d'Oliveira Baptista, comerciante; Manuel Pereira Pinto, comerciante; Joaquim Teixeira da Silva, comerciante; Artur Rocha Abreu, agente oficial de C; Antônio Vareiro de Castelhino, comerciante; Antônio Joaquim Cardoso do Amaral, negociante; Armando Ramos, industrial; Pompeu Duarte Araújo, industrial; Domingos de Jesus, industrial; Ismael do Espírito Santo, emp. comercial; Franklím Pinhal, emp. comercial; Joaquim Cordeiro Dias, emp. comercial; João Fernandes Lago, negociante; Lino Francisco Souza, negociante; Inácio d'Oliveira Costa, industrial; Raul Borges da Silva, niquelador; Albino José Rodrigues, pintor; Joaquim Pinto Monteiro, emp. comercial; Manuel dos Santos Guedes, chapeleiro; Antônio José Pimenta, emp. telefones; Francisco Pereira, viajante; Laurentido Pinto Alves, empregado comercial; José Maria Ferreira, comerciante; Oscar Rebelo, emp. comercial; André Baltazar de Faria, comerciante; Ana Nogueira, doméstica; Maria Eulália da Costa Nogueira, doméstica; Mariana Rosa dos Santos, doméstica; Maria Fernanda D. Ventura, doméstica; João da Rocha Maia, electricista; Raul Barbosa, serralheiro; Amílcar Pereira, afer. electr.; Manuel Antônio Aleluia, electricista; Elisur Vieira Rosa, emp. comercial; Alberto Vello

Rodrigues, electricista; José Pedro dos Santos, emp. comercial; Severa dos Santos, doméstica; Francisco J., emp. comercial; Augusto Pedro dos Santos, emp. comercial; Georgina Duarte, bordadeira; Joaquim Pedro, emp. comercial; José Maria da Silva, emp. público; Corina Alves Martins, modista; Maria Luzia Alves Martins, costureira; Constancia Alves da Silva, doméstica; Rosa da Silva, costureira; Ilda Aurora da Rocha, doméstica; Ana de Jesus Calico, bordadeira; Maria do Pilar Flores, doméstica; Joana Correia, costureira; Maria Antónia de Brito, doméstica; Maria das Dores Borsela, costureira; Maria do Carmo Andrade, costureira; Maria do Carmo Margarida Soares, doméstica; Mário do Carmo Peres, professor; Sebastião Maria Perianes Palma, guarda-livros; Antônio dos Santos Galontinho, guarda-livros, Levy Augusto Gomes de Souza Sezinelo, func. público; Augusto Ferreira Gomes, estudante; Francisco da Costa Sampaio, guarda-livros; Joaquim Fernandes Júnior, estudante; Américo Faria Alves, emp. comercial; Manuel Ribeiro Rodrigues, comerciante; Mário Marques Rocha, cortador; Arlindo Ribeiro Rodrigues, cortador; Lourenço Ferreira, negociante; Carolina Pais, doméstica; Alcino d'Oliveira (Mana), negociante; Belmiro Vieira da Cunha, emp. municipal; Gualter Queirós, emp. comercial; Manuel José Nogueira, 2.º sarg.; José Francisco Mendes, emp. fabril; D. P. Lima, contabilista; Armando Moreira Costa, estudante; Luís Alves Corrêa, viajante; Alcino Duarte, mecânico; Felisbela Soares Duarte, doméstica; Manuel Soares Duarte, estudante; Américo Soares Duarte, estudante; Arminda Costa, doméstica; Francisco Jerónimo, proprietário; Antônio Esperança, proprietário; Joaquim da Silva, proprietário; David Garcia, emp. comercial; José Marques da Silva, actor; Guilherme Carreira, viajante; João de Almeida Garcia, emp. comercial; Antônio J. Magalhães, emp. comercial; Manuel Fernandes Braga, proprietário; Manuel Gonçalves, trabalhador; Joaquim Peixoto, trabalhador; Carlos Moreira Lopes, fogueiro; Manuel Pereira, trabalhador; Antônio Alves de Azevedo, trabalhador; Joaquim Maria da Cruz Sobral, trabalhador; Antônio da Cruz Sobral, avidor; Roberto Pereira Mendes Martins, comerciante; José Joaquim Chaves Braga, industrial; Amandino Pinto Maia, emp. comercial; Manuel de Azevedo, capitalista; Manuel José de Sousa Crespo, capitalista; Herculano Pinto Maia Silvério, ajud. de farmácia; Amaro da Silva Marques, serralheiro; Agnelo Gouveia de Almeida, professor primário; José Marques, comerciante; Moisés Fernandes Nunes, comerciante; José da Costa Ferreira, comerciante; Antônio Gomes de Faria, proprietário; João Rodrigues, artista; Antônio Vicente, ferroviário; Pedro Gonçalves Baltazar, tezeiro municipal; Albertina Gomes Baltazar, doméstica; Ilda da Purificação Gomes Baltazar, dom.

AS GRANDES DESCOBERTAS



— Lá vai um do carborante nacional...
— Quê! Ainda ontem lhe vendi gazolina...

(Continua no próximo número).



EUROPÊA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1922

SEGUROS DE INCÊNDIO
SEGUROS MARÍTIMOS
SEGUROS DE CAUÇÕES
SEGUROS DE AUTOMÓVEIS
SEGUROS DE ACIDENTES DE TRABALHO
SEGUROS DE ACIDENTES INDIVIDUAIS
SEGUROS DE ROUBOS E DE TUMULTOS
SEGUROS DE RESPONSABILIDADE CIVIL
SEGUROS DE MERCADORIAS E BAGAGENS EM
SERVIÇO COMBINADO COM OS CAMINHOS DE FERRO

SEDE EM LISBOA — Rua Nova do Almada, 64, 1.º — TELEFONE, 20911

Representada no Pôrto pela firma: — JOSÉ DA SILVA REIS & C.ª, SUCESSORES
Rua da Fábrica, 5 — Telefone, 631

“L’INVIOLOABLE,”

SOLDA-PAPEL

Notas de Banco, folhas de livros,
manuscritos, partituras, discos
de gramofone, etc., etc., tudo será
reparado com L’INVIOLOABLE



Devido à sua absoluta trans-
parência L’INVIOLOABLE
deixa os textos tão legíveis
como antes da sua aplicação.

L’INVIOLOABLE não é uma cola mas sim uma SOLDA

Depositários gerais em Portugal:

REIS & C.ª EM C.ª (POR ACCÕES)
PAPELARIA REIS

150, Rua das Flores, 160 — PORTO

Preço
9\$50
CADA TUBO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA